

## **MUSEU, 3ª IDADE E ANIMAÇÃO: RELAÇÕES DE ENRIQUECIMENTO**

**Prof. Dr<sup>a</sup> Jenny Gil Sousa**  
Escola Superior de Educação e  
Ciências Sociais de Leiria/IPL  
Área Departamental das Ciências Sociais  
(Curso de Animação Cultural)

### **Resumo**

Os museus assumem uma grande importância na promoção de um envelhecimento activo, sobretudo se apoiarem a sua acção em metodologias de Animação Sociocultural. Se por um lado, os museus são espaços de garante da identidade cultural dos povos e das comunidades é verdade que são também, espaços de troca, descoberta, produção de sentido, criação e sobretudo espaços de memória, de história e de vida, onde os idosos encontram um espaço fértil para o seu desenvolvimento pessoal e social. É sobretudo através do contacto com a comunidade e com as instituições culturais, como os museus, que os idosos superam a rotura que se deu com o quadro de vida quotidiano e redescobrem um novo sentido para viver esta etapa da vida.

### **Terceira Idade: aproximações a um conceito**

A terceira idade é considerada como uma linha fundamental e intrínseca à vida e que, por apontar para uma etapa final da vida, aludiu durante muitos anos directamente para vocábulos como velhice, senilidade e envelhecimento, o que "(...) levava, sem mais nada, à "velhice" como etapa de decadência, penúria económica, frustração, etc." (Osorio, 2007:14).

Se por um lado é evidente a redução da capacidade física ao longo do tempo, por outro devemos destacar que essas limitações não ocorrem em todos os indivíduos ao mesmo tempo e de igual forma "(...) o envelhecimento não é um estado mas um processo diferencial uma vez que não envelhecemos todos da mesma maneira" (Galinha, 2009:97). Para além disso os diversos tipos de limitações

não devem ser impedimento de um desenvolvimento de uma vida plena e tal como nos alerta Juan Macias (2005:204) um erro frequente *"é identificar o envelhecimento com doença ou incapacidade. Nada mais errado, já que a pessoa idosa (não doente) é capaz de realizar as mesmas funções que os jovens embora de forma mais lenta"* e acrescenta *"[a] característica que define o envelhecimento é a limitação da capacidade para se adaptar às situações de restrição ou sobrecarga física, psíquica, funcional ou social em consequência da diminuição do rendimento funcional que acompanha o processo de envelhecimento fisiológico"* (Op. Cit.:205)

O bem estar psicológico e o contexto social assumem também um importante papel na qualidade de vida do idoso. As dimensões de desenvolvimento estão amplamente ligadas aos factores ambientais, culturais e sociais, dando azo a diferentes formas de envelhecer, dependendo da trajectória vital, do autoconceito, das experiências e dos apoios sociais: *"[s]ignifica isto que o desenvolvimento é um processo que nos acompanha toda a vida, num diálogo dinâmico entre factores biológicos e factores contextuais"* (Costa, 2009:130).

Actualmente, no século XXI, nota-se uma diferenciação na abordagem que é feita à terceira idade uma vez que se começa a assistir a uma nova realidade demográfica que leva à criação de um grupo caracterizado por um envelhecimento activo e direccionado para actividades de lazer, aprendizagem e auto-desenvolvimento: *"[e]ste acontecimento converteu os chamados "idosos" num grupo social que atrai o interesse individual e colectivo de forma crescente, devido às suas implicações a nível familiar, social, económico, político, etc"* (Op. Cit.:11)

A vida da maioria das pessoas da terceira idade é enriquecida através do contacto com antigos amigos e familiares mas também a restante comunidade e instituições pertencentes a esta desempenham um papel importante na sua vida.

Os estereótipos negativos que caracterizavam os idosos na nossa sociedade estão a alterar-se a passos largos. Hoje, insiste-se no afastamento da tendência pessimista de abandono dos interesses da vida impondo-se projectos e actividades com o objectivo de promover o desenvolvimento contínuo do idoso e da sua qualidade de vida. A realização pessoal e social articula-se com a quantidade e qualidade das actividades autónomas em que cada um possa estar envolvido.

Actualmente, conceitos como o envelhecimento activo trazem-nos uma forma diferente de encararmos a terceira idade e alerta a sociedade para a importância de

se reverem práticas e formas de encarar o idoso.

Envelhecimento activo reporta a um conceito mais abrangente do que envelhecimento saudável, uma vez que chama a atenção para o facto de existirem outros factores que determinam a forma como as pessoas envelhecem para além dos cuidados médicos.

Este termo, "envelhecimento activo" foi adoptado pela Organização Mundial de Saúde (OMS), nos finais dos anos 90 e o seu principal objectivo assentou no aumento da expectativa de uma vida saudável e de qualidade. Este conceito aplica-se a indivíduos e grupos populacionais alertando as pessoas para o seu próprio potencial e bem-estar físico, social e mental, fazendo a inclusão dos seniores em questões económicas, culturais, espirituais, cívicas e na definição das políticas sociais: *"Existe um amplo consenso na aceitação do facto de que o conceito de envelhecimento activo se refere ao processo de optimização do potencial de bem estar social, físico e mental das pessoas ao longo da vida, para que este período de idade madura, cada vez mais comprido, seja vivido de forma activa e autónoma"* (Tamer e Petriz, 2007:183).

É preciso não esquecer que o processo de envelhecimento é um processo individual mas também colectivo: *"[p]or um lado, ocorre no contexto de inter-relações de variáveis físicas, químicas e biológicas e, por outro lado, no contexto de outras variáveis que são de carácter psíquico, cultural e social"* (Op. Cit.:184). O envelhecimento é reflexo também daquilo que se passa no meio social humano e nas transformações que ocorrem.

O conceito de envelhecimento activo é muito rico e amplo abrangendo um conjunto diversificado de aspectos:

*«"Activo" não se refere unicamente à capacidade de estar fisicamente activo; refere-se também ao envolvimento contínuo dos idosos nas questões sociais, económicas, espirituais, culturais e cívicas. Esta ideia implica a substituição das abordagens baseadas nas necessidades por outras que se devem fundamentar nos direitos dos idosos em todos os âmbitos da vida»* (Vallespir e Morey, 2007:242).

Na tentativa de realizar uma análise um pouco mais aprofundada ao conceito de envelhecimento activo vamos apoiar-nos no autor Luís Jacob (2008:19-21). Segundo este autor, o envelhecimento activo assenta em cinco classes gerais. A

primeira categoria diz respeito ao bem-estar físico do idoso, assumindo importância aspectos como a segurança, a higiene e a saúde do idoso. A segunda categoria diz respeito às actividades interpessoais, que inclui as relações com familiares, amigos e participação na comunidade. A terceira categoria tem a ver com o desenvolvimento pessoal, que representa as oportunidades de desenvolvimento intelectual, e auto-expressão. As actividades recreativas compõem a quarta categoria que se subdivide em três partes: socialização, entretenimento passivo e activo e, por fim, a quinta categoria, referente às actividades espirituais e religiosas. Ainda que todas as cinco classes sejam possuidoras de uma importância colossal, a verdade é que, para o presente estudo, interessam sobretudo a segunda, terceira e quarta categorias, uma vez que são aquelas que focam as relações interpessoais e de socialização, como peças fundamentais para uma velhice com qualidade.

*“O objectivo a atingir é a (re)valorização da velhice face à sociedade e dos velhos perante si próprios, proporcionando as condições e os espaços para a sua afirmação social e, simultaneamente, da sua auto-estima e autonomia”* (Salselas, 2007:23), para que a velhice não seja encarada como uma fatalidade, um problema, um período inútil na vida das pessoas mas antes uma altura de riqueza vivencial e interaccional.

Tal como já referimos, a forma como o idoso é visto na sociedade tem vindo a alterar-se e ao abandono dos interesses da vida começa a sobrepor-se cada vez mais a realização de actividades e projectos. Cada vez mais se encara o envelhecimento como um processo vital, espaço privilegiado para o desenvolvimento de actividades culturais, educativas e de aprendizagem.

É imprescindível que a cultura, a educação e aprendizagem sejam vistas com a importância que efectivamente possuem na terceira idade. Habitualmente, estes conceitos são associados às crianças, jovens e adultos e numa perspectiva de satisfação das necessidades mutáveis do mercado de trabalho. É importante afastar esta visão redutora e dirigir um olhar atento aos idosos. A terceira idade é, por excelência, a idade da liberdade e da realização uma vez que já não possui compromissos obrigatórios com o mercado de trabalho. Por isso, estas actividades *“(...) têm como objectivo fundamental aqui proporcionar elementos para a reconstrução da identidade social do sujeito, através da proposta de fórmulas de participação que dêem significado ao tempo livre e, no fim de contas, à vida dos*

*idosos*" (Martín, 2007:63). Neste sentido, as actividades culturais e educativas são importantes no aumento da auto-imagem, da estima pessoal e na auto-valorização, isto é, na criação de contextos adequados que proporcionem o desenvolvimento pessoal, mas favorecendo através destes os dotes criativos das pessoas.: *"Isto implica uma intervenção socioeducativa destinada a idosos, com o objectivo de estimular a curiosidade intelectual, a atitude lúdica, o autoconhecimento e a consciência de si, a formação em actividades expressivas (como a pintura, a música, a escultura em barro, o teatro ou a poesia, a leitura e a tertúlia), etc."* (Op. Cit.:64)

É importante que o idoso continue a desenvolver-se pessoalmente, e para tal que se encontrem formas e contextos de fruição do tempo, de formação e de aprendizagens significativas. É importante o estabelecimento de amizades e de diferentes tipos de relações sociais: *"[a] finalidade é o desenvolvimento de um ser humano mais plenamente humano a cada dia que passa, com o fim último de melhorar a sua qualidade de vida e a do seu ambiente"* (Vallespir e Morey, 2007:200).

O envelhecimento activo pressupõe a existência de desafios e propostas significativas de actividades, que gerem novas aprendizagens e promovam espaços reais para a expressão do idoso. A concepção metodológica do trabalho deve ser fundamentada na interacção grupal, sendo dado espaço para que cada idoso se converta no protagonista do processo de aprendizagem, mas dentro e a partir do grupo. *"Abre-se, assim, um amplo espaço de intervenção onde surgem múltiplas hipóteses e opções de actividades expressivas que cobrem o espectro das necessidades educativas de qualquer pessoa em relação à sua promoção pessoal, ajudando-a a dar significado e interesse vital a diferentes aspectos dos tempos livres"* (Op. Cit.:64). Um dos espaços privilegiados de intervenção é, sem dúvida, o museu.

### **O museu e a comunidade: a construção da identidade comunitária como forma de desenvolvimento pessoal**

O museu tem-se vindo a constituir ao longo do tempo, como um espaço privilegiado da identidade comunitária. Se no início, o museu servia apenas para albergar as colecções e para reprodução de conhecimentos de diferentes áreas,

tendo como principal função catalogar, expor e conservar as peças, hoje o museu luta ferozmente contra esta imagem que se foi construindo ao longo dos duzentos anos após a sua fundação. De uma espécie de local incómodo, inóspito, frio e aborrecido, espaço de contemplação de uma cultura fossilizada, associado a elites e pouco atractivos à população em geral passou a um local rico e potenciador de desenvolvimentos vários.

Hoje os museus, mais do que espaços de herança do passado, são igualmente garante da identidade cultural dos povos ou das comunidades, pelo seu papel de preservação e de promoção de patrimónios: *"el comienzo de una serie de câmbios de orientaciones e impulso de nuevas actividades y propuestas, que han terminado por cuajar especialmente en el convencimiento general de la importância y obligación que tienen los museus a la hora de desempeñar su papel en la sociedad, la educación y acción cultural y el desarrollo de la comunidad a la que sirven"* (Fernández, 1999:73).

Os museus devem ser um espaço de troca, descoberta, produção de sentido, criação, mas sobretudo, espaços de memória, de história, de vida. Os museus devem ser entendidos como utensílios indispensáveis ao desenvolvimento individual e colectivo do espírito, da tomada de consciência de nós próprios, do sentimento de cidadania e de identidade comunitária; por este motivo, o museu não pode concentrar-se apenas no público que o costuma visitar mas sim, criar laços com a comunidade onde está inserido favorecendo o seu desenvolvimento: *"(...) el museo no solo debe servir al visitante tradicional, sino que debe abrirse especialmente a la comunidad, al conjunto social en que está inserto"* (Op. Cit.:73). O que mantém um museu vivo não é apenas a preservação das peças, ou dos bens culturais mas sim, a relação desenvolvida com a comunidade; deve por isso promover práticas sociais que deverão ser colocadas ao serviço da comunidade e do seu desenvolvimento.

O museu deve contribuir para o auto-conhecimento e entendimento de uma população local e para a compreensão pelos visitantes, do funcionamento das mudanças culturais e de contactos interculturais. O museu é um espaço de educação permanente permitindo a participação da comunidade em geral; é um espaço da comunidade, dos cidadãos, que nele se revêem, através da participação nas actividades, na descodificação que fazem das exposições, porque elas reforçam o seu direito de ser residente nesta ou naquela cidade ou região, com todas as

tradições ancestrais que (quer por vivência pessoal ou por ouvir contar a sua família) fazem parte duma comunidade. Tal como nos diz Trilla (2004: 257) "*O museu é, hoje, um espaço polivalente de animação comunitária, parceiro social, e receptáculo da memória colectiva da população da região onde se encontra inserido*". A construção de relações próximas e proficientes entre o museu e a comunidade não pode esquecer um grupo específico- os idosos.

Os museus devem apostar na Animação Sociocultural como estratégia de aproximação ao público idoso e de potenciação da sua qualidade de vida. Quando nos referimos à Animação como forma de promoção do envelhecimento activo não nos referimos a um conjunto de actividades pontuais, ou de simples difusão cultural com pouco significado mas sim como uma prática social desenvolvida conjuntamente, como um processo. De seguida encetaremos algumas considerações em torno deste conceito.

### **A Animação Sociocultural, o instrumento privilegiado**

A animação sociocultural constrói o seu edifício com pessoas que interagem como colectivos sociais, com um dinamismo próprio e uma organização que assenta na procura de objectivos e finalidades comuns. Neste sentido, um conceito intimamente relacionado ao de animação é o de participação: "*[c]om efeito, é difícil imaginar uma Animação Sociocultural que se possa constituir sendo indiferente à participação como método e como objectivo, como realidade e expectativa, sempre no mesmo campo do pensamento e da acção social*" (Gómez, 2007:63). Não existe animação se não existir participação. A democracia e o envolvimento activo das pessoas é tão fundamental que sem elas é impossível conceber e praticar animação.

A animação sociocultural assume-se como uma forma de colocar em contacto os indivíduos, de favorecer as relações, de suscitar e estimular permutas, de facilitar contactos. É uma forma de acção sociopedagógica que visa a transformação social, o desenvolvimento, através da participação, "*[e]s necesario que los hombres participen creando junto nuevos modos y modelos de vida personal y social, con la finalidad latente y esperanzada de transformar poco a poco la sociedad*" (Quintas e Castaño, 2007:33).

A participação implica desenvolvimento social e cultural, sendo estes conceitos basilares na estrutura explicativa da animação sociocultural. Não se concebe animação sem participação social, sem comunicação sendo pois vistas como âmbito, instrumento, linguagem e elemento essencial do desenvolvimento social e cultural.

A animação sociocultural é também ela entendida como uma estratégia para o desenvolvimento pessoal e comunitário, a criação de um estilo de cidadania activa, é *"portanto, uma prática aberta à participação individual e social, que implica activamente o sujeito como criador de cultura e não mero objecto de acção cultural"* (Peres, 2007:21) e por isso, *"a Cultura e o desenvolvimento da participação social detêm-se nas origens da Animação"* (Simões, 2006:13).

A animação sociocultural utiliza como formas de intervenção a criatividade, as artes, a expressão, o ócio recreativo e o "empowerment" do individuo. A metodologia assenta em actividades de formação, aproximação à produção cultural e aos bens culturais tangíveis e intangíveis, de expressão e criação: *"la animación cultural responde a la aplicación de la animación en el ámbito cultural para dar respuesta a necesidades culturales. Estas son necesidades relacionadas con los procesos de autorrealización, conocimiento y expresión estética e creativa"* (Cerdeira et al, 2006:13).

Cada vez mais se assume e defende o direito à cultura. E este direito à cultura não assenta unicamente na observação e no consumo de qualquer tipo de expressão ou manifestação cultural, na vivência de um papel passivo, de espectador que apenas consome o que lhe é dado, *"(...) mas sim a participar dentro nos processos socioculturais, a converter-se em actor protagonista, em que cada qual tenha a oportunidade de criar as suas próprias expressões culturais, como um imperativo ético indissociável no que diz respeito à dignidade das pessoas"* (Gómez, 2007:65).

Mais uma vez surge a participação como chave fundamental. A participação e a convivência assumem-se como agentes aglutinadores numa estratégia que visa a comunicação, a criação e a inovação, reinventando a vida em comunidade. Aposta no equilíbrio entre a eficácia organizativa e a liberdade criativa e atende às necessidades centradas na pessoa como ser relacional e membro de uma comunidade, isto é, *"(...) tomando a cultura como um dispositivo metabolizante,*



*gerador e construtor da sociedade (...)" (Op. Cit.:70).*

### **O museu como instituição promotora do “envelhecimento activo”**

O museu possui uma importância relevante no desenvolvimento do idoso como sujeito social, histórico e cultural. Este local apresenta-se como espaço privilegiado do desenvolvimento do idoso porque permite a realização de elos e associações a partir das suas experiências. Para além disso propicia um desenvolvimento da memória a outros tempos e com outras pessoas.

Sendo o museu depositário da memória de um povo é possuidor de uma história que tem obrigação de comunicar aos diversos públicos. Esta questão toca de forma diferente o público idoso uma vez que em muitos museus este público poderá ter sido também actor importante da história que a exposição revela.

O museu é um espaço de produção do conhecimento e oportunidade de lazer. As suas exposições favorecem a construção social da memória e a percepção crítica da sociedade. As actividades de animação que devem ser desenvolvidas no museu devem ser uma ponte no tempo e no espaço entre a memória e a experiência do idoso. Sabemos que para que haja uma velhice com qualidade é importante um conjunto de aspectos que se prendem sobretudo, com o desenvolvimento das relações interpessoais. A participação na comunidade, as oportunidades de desenvolvimento intelectual e a auto-expressão encontram no museu um terreno fértil, sobretudo nos museus que apostam em colecções que afirmam que o conhecimento local contém elementos de experiência social.

O museu tem o dever de proporcionar aos idosos a recriação do tempo livre que estes possuem, desenvolvendo actividades que estimulem as suas capacidades afectivas, sociais e cognitivas promovendo um sentimento de utilidade e realização. Tal como nos diz Maria Rodrigues (in Pereira & Lopes, 2009:272) *“a ociosidade e desocupação têm de encontrar novos desafios e novos interesses promotores de autonomia, sentimentos de bem-estar e interesse pela vida”*.

É essencial que se possibilite aos idosos o contacto imediato com os materiais elementares do seu ambiente, materiais a que os seus corpos, sistemas sensoriais e motores se adaptaram lentamente ao longo de milhares de anos de evolução, materiais de que é feito o grande corpo da sua cultura.

Os museus podem oferecer aos idosos o desenvolvimento da compreensão da sua cultura e da história da qual fizeram parte. A relação entre o museu e o idoso é flagrante: ambos são o centro da memória cultural local neste tempo de mobilidade constante, ambos podem ser o ponto de equilíbrio deste mundo em movimento. *“É uma obrigação de base sensibilizar as novas gerações para o mundo que as rodeia com memoriais, com a presença de memórias relacionadas com as vidas dos seus antepassados, que deram forma às nossas condições de sobrevivência”* (Trilla, 2004:258). O museu assume uma importância extraordinária numa perspectiva de educação permanente em que o idoso se torna agente do seu próprio desenvolvimento, dialogando com a sociedade e interagindo com as outras gerações.

O museu só tem a ganhar se aliar a sua acção ao contacto com os mais velhos em cujas mãos podemos seguir a perícia e a experiência ganhas através de uma vida de trabalho e em cujas mentes encontramos ricas memórias individuais que fazem a história. Através do museu é possível gerar processos de participação, criando espaços de comunicação entre as pessoas com vista a estimular os diferentes colectivos a empreenderem processos de desenvolvimento social e cultural, construindo a sua própria identidade colectiva, criando e participando nos diferentes projectos e actividades culturais. Efectivamente, o museu assume-se como um importante motor de realização pessoal, compreensão do meio circundante e participação na vida comunitária. Para além disso, através do museu, é permitido ao idoso estimular a educação permanente, desfrutar da cultura, estabelecer as bases para que os conhecimentos sejam partilhados de maneira flexível, enriquecedora e amena, enfim, propiciar e criar atitudes e meios para gozar a vida plenamente.

Em suma, trata-se de fazer do museu um processo gerador de convivência, participação e desfrute do ócio e da cultura. São diversos os programas que se podem desenvolver neste campo, de acordo com a tripla realidade do idoso, da instituição e do meio que o rodeia e ambiente social *“cada vez são mais as pessoas idosas que não estão dispostas a aceitar a idade avançada como uma diminuição. Este facto supõe inverter, de forma importante, as concepções sobre a velhice e, ao mesmo tempo oferecer-lhes as oportunidades específicas de estilos de vida mais saudáveis (...)”* (Trilla, 2004 :262).

Muitos dos museus existentes por todo o mundo já são espaços consagrados para crianças e adolescentes, mas ainda não o são para os idosos. A questão de pensar o museu para um tipo de visitante em especial, como seja o idoso, ainda está muito aquém daquilo que poderia estar.

É verdade que os idosos percebem os museus de uma forma bastante diferente de qualquer outra faixa etária e, como tal, as actividades realizadas nestes espaços deveriam ter em conta as características deste público.

Temos a percepção de que noutros países, nomeadamente no Brasil, os museus estão cada vez mais apetrechados com actividades pensadas para este público em especial. No nosso país ainda se dão os primeiros passos nestas andanças. Vemos com cada vez maior frequência a parceria entre instituições da 3ª idade e os museus, mas as actividades ainda não estão muito direccionadas para a promoção do desenvolvimento pessoal e social do idoso. São as visitas guiadas que predominam nos museus portugueses no que respeita ao público idoso.

É preciso que haja um avanço na forma como se desenvolve a relação museu/idoso. Efectivamente, o museu assume-se como um espaço fértil na realização de programas e actividades de animação de promoção de um envelhecimento activo.

Para que haja bem estar físico, social e mental do idoso é importante fazer a sua inclusão também em questões culturais. A promoção do sentimento de utilidade, bem como a socialização deste com a comunidade, são aspectos fulcrais na promoção de um envelhecimento activo e no qual o museu surge como um instrumento de importância primordial. O museu, ao assumir-se como um agente fundamental na identidade comunitária, assume-se também como um veículo privilegiado de desenvolvimento pessoal e social do idoso.

Na promoção de um envelhecimento activo é vital o envolvimento do idoso na sociedade; é fundamental que este recupere o seu lugar na vida e na comunidade participando em questões culturais. É aqui que o museu se revela como um importante espaço de troca, descoberta, mas sobretudo, espaço de memória e de vida. Mas é preciso não esquecer a Animação Sociocultural como importante ferramenta de mediação e de potenciação dos museus e do desenvolvimento dos idosos.

É a ASC que ajuda os idosos a encontrarem no museu um espaço fértil para

o seu desenvolvimento pessoal e social reconhecendo que estes são um público especial e que através dos seus saberes, conhecimentos e experiências enriquecem os espaços do museu dotando-os de sentido e de vida. Podemos então concluir que, as relações assentes numa metodologia de ASC potenciam entre os idosos e os museus relações de proficuidade onde ambos ganham.

## Referências bibliográficas

**Cerdá, R., Cerdá, P. e Cerdá, M. (2006).** *Animación Cultural- Servicios socioculturales y a la comunidad.* Editorial Altamar. Barcelona.

**Costa, I. (2009).** Métodos de investigação em Animação para a Terceira Idade. Em: J. Pereira e M. Lopes (eds.), *Animação Sociocultural na Terceira Idade.* Intervenção. Chaves.

**Fernández, A. (1999).** *Museología y Museografía.* Ediciones del Serbal. Barcelona

**Galinha, S. (2009).** A inter-relação qualidade de vida percebida, bem-estar subjectivo no envelhecimento activo, animação e coaching ontológico. Em: J.Dantas e M. Lopes (eds.), *Animação sociocultural na terceira idade.* Intervenção- Associação para a Promoção e Divulgação Cultural. Chaves.

**Gómez, J. (2007).** Por uma animação democrática numa democracia animada: Sobre os velhos e os novos desafios da animação sociocultural como prática participativa. Em: A. Peres e M. Lopes (eds.), *Animação sociocultural- Novos desafios.* Associação Portuguesa de Animação e Pedagogia. Amarante.

**Jacob, L. (2008).** *Animação de Idosos- Actividades.* Colecção Idade do Saber. Ambar. Porto.

**Macias, J. (2005).** Geriatria: Definição, instrumentos geriátricos e necessidades de prevenção. *Actas do Congresso de Solidariedade Intergeracional: Solidarité Intergénérationnelle.* Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa. pp.203-213.

**Martin, A. (2007).** Gerontologia educativa: Enquadramento disciplinar para o estudo

e intervenção socioeducativo com idosos. Em: A. Osório e F. Pinto (eds.), *As pessoas idosas: Contexto social e intervenção educativa*. Coleção Horizontes Pedagógicos. Instituto Paiget. Lisboa.

**Osório, A.** (2007). Os idosos na sociedade actual. Em: A. Osório e F. Pinto (eds.), *As pessoas idosas: Contexto social e intervenção educativa*. Coleção Horizontes Pedagógicos. Instituto Paiget. Lisboa.

**Peres, A.** (2007). Animação, direitos humanos, democracia e participação. Em: A. Peres e M. Lopes (eds.), *Animação sociocultural- Novos desafios*. Associação Portuguesa de Animação e Pedagogia. Amarante.

**Quintas, S. e Castaño, M.** (1998). *Animación sociocultural- Nuevos enfoques*. 3ª edição. Amarú Ediciones. Salamanca.

**Rodrigues, M.** (2009). Cultura e lazer na terceira idade: Propostas de intervenção. Em: J. Dantas e M. Lopes (eds.), *Animação sociocultural na terceira idade*. Intervenção - Associação para a Promoção e Divulgação Cultural. Chaves.

**Salselas, T.** (2007). *Política social da velhice: texto complementar ao manual introdução à Gerontologia*. Universidade Aberta. Lisboa.

**Simões, H.** (2006). *Animação cultural- Três andamentos de compreensão*. Biblioteca do Educador. Livros Horizonte. Lisboa.

**Tamer, N. e Petriz, G.** (2007). A qualidade de vida dos idosos. Em: A. Osório e F. Pinto (eds.), *As pessoas idosas: Contexto social e intervenção educativa*. Coleção Horizontes Pedagógicos. Instituto Paiget. Lisboa.

**Trilla, J.** (2004). Conceito, exame e universo da animação sociocultural. Em: J. Trilla (eds.) *Animação sociocultural- Teorias, programas e âmbitos*. Coleção Horizontes Pedagógicos. Instituto Piaget. Lisboa.

**Vallespir, J. e Morey, M.** (2007). A participação dos idosos na sociedade: Integração

vs segregação. Em: A. Osório e F. Pinto (eds.), *As pessoas idosas: Contexto social e intervenção educativa*. Coleção Horizontes Pedagógicos. Instituto Paiget. Lisboa.

### **Dados da Autora**

Licenciou-se em Animação Socioeducativa pela Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Coimbra, realizou mestrado em Arte e Educação na Universidade Aberta e encontra-se actualmente a frequentar doutoramento em Estudos Culturais na Universidade de Aveiro.

Iniciou a sua actividade profissional como docente em cursos profissionais e tecnológicos ligados à Animação. Foi também formadora de cursos de Educação e Formação de Adultos.

Actualmente desempenha funções como docente nos cursos de Animação Cultural, Educação Social e Serviço Social da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria onde para além de leccionar as unidades curriculares relacionadas com a concepção dos projectos culturais e sociais, tem vindo também a participar na supervisão dos estágios curriculares da licenciatura de Animação Cultural. É ainda membro do Núcleo de Investigação e Desenvolvimento em Educação - NIDE.